

Trocando em miúdos
a teoria e a prática

Letrando: Atividades para a formação do professor alfabetizador

Linguagem e Letramento em foco

Angela B. Kleiman (coordenadora)

Adriane T. Sartori

Ana Lúcia S. Souza

Carolina Assis D. Vianna

Clécio S. Bunzen Jr.

Glícia Marili A. M. Tinoco

Paula Baracat de Grande

Renata Andréa da Silva



Ministério
da Educação



© Cefiel/IEL/Unicamp

É proibida a reprodução desta obra sem a prévia autorização dos detentores dos direitos.

**Ministério
da Educação**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Presidente: LUIS INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro da Educação: FERNANDO HADDAD

Secretário de Educação Básica: FRANCISCO DAS CHAGAS FERNANDES

Diretora do Departamento de Políticas da Educação

Infantil e Ensino Fundamental: JEANETE BEAUCHAMP

Coordenadora Geral de Política de Formação: ROBERTA DE OLIVEIRA

Cefiel - Centro de Formação Continuada de Professores do Instituto de Estudos da
Linguagem (IEL)*

Reitor da Unicamp: Prof. Dr. José Tadeu Jorge

Diretor do IEL: Antonio Alcir Bernárdez Pécora

Coordenação do Cefiel: Marilda do Couto Cavalcanti

Coordenação da coleção: Marilda do Couto Cavalcanti

Coordenação editorial da coleção: REVER - Produção Editorial

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação: A+ comunicação

Revisão: REVER - Produção Editorial; Sandra Barbosa de Oliveira

* O Cefiel integra a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica. A Rede é formada pelo MEC, Sistemas de Ensino e Centros de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação Básica.

Publicado em 2008

CADERNO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?

Enriquecendo a noção de texto

Adriane Teresinha Sartori

Ana Lúcia Silva Sousa

Ana Luísa Marrocos Leite

Angela B. Kleiman (coordenadora)

Carolina Assis Dias

Clécio dos Santos Bunzen Junior

Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco

Paula Baracat de Grande

Renata Andréa da Silva

SUMÁRIO

Apresentação

ATIVIDADES

1. Os textos que nos rodeiam
2. Situando a noção de texto
3. Imagens comunicam:
4. Você pode ler... Até em língua estrangeira!
5. Outras linguagens, outras leituras
6. E as imagens escolares, o que comunicam?
7. Com quem elas dialogam?
8. O texto verbal e o não verbal se complementam
9. Imagens na produção textual
10. Outros textos multissemióticos na aula: uma charge e uma propaganda
11. Imagem e sentidos
12. Gêneros escolares: cartazes e murais

Apresentação

O fascículo *É preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* afirma, na página 47, que “*uma importante contribuição dos estudos do letramento para a reflexão sobre o ensino de língua escrita na escola é a ampliação do universo textual*”. Para ampliar esse “universo textual”, a fim de incluir, ainda segundo o fascículo, “*os textos comuns, sobre assuntos corriqueiros, de circulação cotidiana*” é preciso ter uma noção de texto rica e complexa: um objeto material, às vezes com uma simples fachada, mas que sempre tem por trás, ou por baixo, ou por cima, uma vasta rede de salas, galerias, caminhos, corredores que se entrecruzam e podem ser percorridos de formas diferentes por cada um que por ele adentra. Os tijolos dessas salas, corredores e galerias são as palavras e as imagens, os espaços vazios e os espaços preenchidos. São essas combinações de linguagens verbal e não verbal que fazem do texto um objeto cultural com múltiplos significados potenciais para seus potenciais leitores.

O conjunto de atividades a seguir tem por objetivo apresentar diversos elementos desse objeto a fim de contribuir para a elaboração, por parte do professor, de sua própria noção de texto, subsidiada pelos estudos da linguagem. O caderno está dirigido ao professor-aluno que não tem cursos sobre linguagem na sua bagagem. Consideramos que um material como este é tão ou mais valioso para o professor alfabetizador do que uma série de instruções didáticas sobre como alfabetizar.

O professor de 1^a a 4^a séries está acostumado a pensar na alfabetização como o ensino das letras que permitirão ao aluno combiná-las em palavras, frases e textos. Para nós, o discurso vem primeiro: a alfabetização é uma prática social, discursiva. Isso quer dizer que ao alfabetizar ensinamos as formas de usar a linguagem numa determinada comunidade; essas formas são os gêneros do discurso, que por isso passam a ser as unidades básicas do currículo. Os gêneros

se manifestam em textos, daí ser necessário entender o funcionamento destes últimos na sociedade..

Entretanto, o princípio organizador do trabalho escolar de alfabetização e letramento do aluno não é a língua, nem o texto, nem o gênero, por mais fáceis, acessíveis que sejam: é a prática social, que é discursiva. Assim por exemplo, os avisos coercitivos, como a seguir



, que consistem de textos muito curtos, que provavelmente o aluno já conhece, podem vir a ser os blocos com que se inicia a alfabetização dos alunos, mas isso não é uma regra. Pelo contrário, só faz sentido utilizar um texto como o da placa se os alunos estiverem aprendendo as regras de trânsito para poder ir e vir da casa à escola com relativa segurança, isto é, se estiverem engajados numa prática social.

Tentaremos mostrar, nas atividades a seguir, que os textos adquirem sentidos nos seus contextos de uso, porque as práticas discursivas são contextualizadas; ler uma notícia no jornal, ouvir a mesma notícia no rádio e lê-la num livro didático são atividades diferentes que envolvem diversas instituições, diversos participantes, diversos objetivos, e diversos modos de interpretar. Na escola, freqüentemente, textos diversos são tratados de forma uniforme e homogênea; raramente a situação de comunicação (quem escreve, para quem escreve, quando, para que, sob quais condições etc.) é levada em conta. Isso é clara evidência de que a noção de texto com que trabalha o professor-aluno é uma noção que deve ser enriquecida, para entender por que os especialistas nas áreas da linguagem dizem que um texto é muito mais do que a soma das palavras que o formam.

É importante os professores lembrarem que todos os exercícios aqui apresentados, escolhidos dentre aqueles preparados para uso no site e no ensino a distância do nosso curso *Letramento nas séries Iniciais*, têm como objetivo ampliar a noção de texto que a escola adota de modo a torná-la, gradualmente, compatível com a noção de letramento apresentada no fascículo já referido.

Deverão atentar para o fato de que o objetivo do conjunto de atividades a seguir, “Enriquecendo a noção de texto”, está atrelado às informações da seção do fascículo intitulada OUTRAS LINGUAGENS (na p. 47), que trata dos textos multissemióticos ou multimodais.

As atividades a seguir estão organizadas da seguinte forma: cada exercício consiste de um objetivo, seguido de uma primeira parte na qual o conceito focalizado é apresentado e definido e/ou exemplificado; por último, são apresentadas reflexões, dicas, sugestões para o professor-aluno fazer o trabalho de recontextualizar essa informação, pensando na sua sala de aula, nos seus alunos, na sua prática pedagógica. São atividades que poderão ser aproveitadas ora em sala de aula com alunos, ora em sala de aula com outros professores em formação.

1. OS TEXTOS QUE NOS RODEIAM

O exercício visa a apresentar uma primeira definição básica de **texto**, ilustrando a importância do **suporte** para determinar a sua função.

Os textos que nos rodeiam são cheios de cores, imagens e sons. Para podermos trabalhar com eles, analisá-los com finalidades pedagógicas, precisamos estar de acordo, primeiramente, sobre o que entendemos por texto. Chamaremos **texto** a toda unidade de sentido em contexto, numa situação de comunicação. A sua extensão não importa: pode ter uma palavra, uma imagem, uma frase ou vários capítulos; pode ser falado ou escrito; o que importa é sua função comunicativa. Assim, podemos nos referir às placas de rua e da Coca-Cola na fotografia a seguir como textos (“Beba Coca-Cola” e “Praça Tiradentes”), que aparecem em suportes semelhantes: uma placa de propaganda e uma placa de endereço, imediatamente reconhecíveis pela cor e forma.

Suportes são os “ambientes”, os “lugares”, os objetos, em que os textos aparecem. Por exemplo, uma “revista” é um suporte de variados textos (escritos a partir de gêneros diferentes: notícia, entrevista, artigo de opinião, enquete, carta do leitor etc.), um muro pode ser um suporte para um mural...

Observe a foto:



Cada uma das placas no poste foi colocada com um objetivo diferente: vender e orientar. Elas pertencem a **gêneros** distintos (propaganda e placa de endereço) e, portanto, têm funções também distintas: a placa de endereço tem a função de informar o pedestre desorientado, e a propaganda quer atrair o consumidor sedento. Mas não podemos esquecer que a propaganda da Coca-Cola foi colocada ali para atingir também o pedestre desorientado, que vai querer saber o nome da rua e acabar tendo vontade de tomar uma coca-cola. Isso quer dizer que as duas placas têm previstos estereótipos de leitores diferentes – uma, o pedestre desorientado, e a outra, o consumidor - mas elas podem atingir a mesma pessoa.

O gênero do discurso pode ser entendido como um modelo, esquema ou representação que nos permite usar a linguagem numa determinada situação social. Por exemplo, podemos telefonar para alguém ou atender ao telefone porque temos uma representação do que seja o gênero telefonema; dito de outra forma, o gênero vem a ser o instrumento que permite a comunicação na vida social.

Proposta de atividade

1. Pense qual poderia ser uma justificativa para usar essas informações sobre a noção de texto em sala de aula.

Comentário:

Entre as muitas respostas que podem ser dadas, uma que é pertinente para a mudança na atitude tradicional, elitista, sobre o que é texto e, portanto, quais textos podem ser trabalhados na escola, é a seguinte: o aluno, ao se deparar com textos simples como os da placa, perceberá que já tem conhecimentos sobre a língua escrita. Esse conhecimento é uma base para a confiança no sucesso, para acreditar que aprender a ler e escrever é um objetivo bem ao alcance dele. Dica: LER PÁGINAS 36-37 DO FASCÍCULO, que trazem essa idéia.

2. Como você usaria esses textos com uma turma de primeira série para introduzir atividades de leitura com textos do cotidiano, objetivando fazer o aluno perceber que já transita por mundos letrados?

DICAS PARA SUA AULA

1 – Para os alunos se familiarizarem com diversos textos, leve a fotografia das placas desta atividade para sua sala de aula e peça a eles para dizerem as diferentes funções que essas placas evocam;

2 – Solicite a seus alunos que tragam para a sala de aula, fotografias de outras placas, provando assim que elas existem em diversas formas e se encaixam em variadas funções (como, por exemplo: informar, localizar, advertir, direcionar, convencer, etc);

3 – Separe uma das paredes de sua sala de aula para expor todos os textos que você e seus alunos coletarem. É interessante observar que, por vivermos em um “mundo de escrita”, muitos e variados textos surgirão (de variados suportes e gêneros). É exatamente essa variedade de textos que pode suscitar nos alunos o desejo de desenvolverem uma pesquisa sobre a escrita do entorno (da escola, da comunidade, da igreja, das associações, enfim, das localidades pelas quais você e seus alunos passam diariamente). Essa exploração da escrita na vida real certamente os ajudará a ampliar o conceito de leitura, escrita e interpretação de textos.

2. SITUANDO A NOÇÃO DE TEXTO

O objetivo do exercício é mostrar a relação entre o texto e seu contexto, introduzindo a noção de **situação de comunicação.**

Para ajudar **seu aluno** a construir uma noção de texto que lhe dará confiança nos seus primeiros contatos com a língua escrita, é importante diversificar os textos que são usados na aula. Leve, por exemplo, um cartaz como o seguinte. Leia-o e pergunte:

O que é isso?

Isso é um texto?



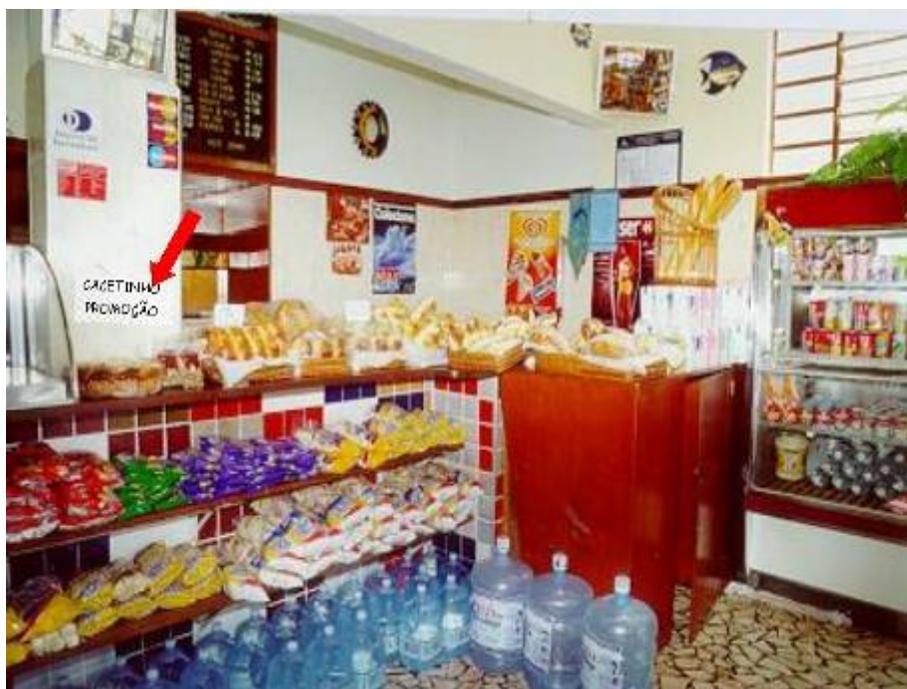
CACETINHO
PROMOÇÃO

Para ajudar a planejar sua aula, antecipe as conclusões às quais você gostaria que seu aluno chegasse. Escreva um parágrafo justificando sua resposta à pergunta “Isso é um texto?”.

Comentário:

A primeira questão a destacar é que, sem conhecer a [situação de comunicação](#), não podemos decidir se é um texto ou não. Reconhecemos as palavras, com certeza, mas elas não fazem sentido isoladamente.

Veja agora onde as palavras “CACETINHO PROMOÇÃO” aparecem. Olhe para a seta vermelha na fotografia e verá um cartaz, na parede de uma loja, acima de uma mercadoria, com essa mensagem:



Faça perguntas sobre o ambiente representado, para que o aluno perceba que é uma loja que vende comestíveis, e que as palavras na parede fazem parte de um cartaz. Depois, forneça as informações pertinentes para a compreensão do cartaz, ou seja, que no Rio Grande do Sul a palavra “cacetinho” é a designação do pão francês. Lá, ninguém chega à padaria e diz: “Me dá um pãozinho”. Lá, as pessoas dizem: “Me dá um cacetinho.”

E agora, o cartaz é texto, ou não é texto?

Proposta de atividade:

Reflita se há diferenças entre a noção de texto com a qual você trabalha e essa desenvolvida na atividade que acabamos de fazer. A seguir, apresentamos um tópico que pode ser discutido em relação a essa questão.

Comentário:

A escola nos faz acreditar que texto é uma folha escrita cheia de caracteres. Se não tiver uma **mancha** enorme no papel, não temos texto. Isso é um mito com o qual precisamos acabar. Um texto não pode ser medido pelo seu

tamanho. O sinal PARE nas esquinas das ruas é considerado um texto, porque, naquela situação específica, comunica. Já imaginou se você tivesse de ler “pare seu carro porque na preferencial pode estar passando algum outro carro. Siga quando nenhum outro carro estiver na preferencial”? Até lermos isso tudo, com certeza, muitos acidentes poderiam acontecer, não é mesmo? O sinal PARE resume tudo isso e todos entendemos ao ver a placa. Ou seja, a palavra PARE numa placa hexagonal colocada num cruzamento, visível aos motoristas, funciona como um texto nessa situação de comunicação. Por outro lado, não estamos dizendo que quaisquer duas ou três palavras que nossos alunos escrevam sempre sejam textos. O importante é avaliarmos o estabelecimento de interlocução e, para isso, precisamos avaliar a **situação de comunicação** de cada texto.

A palavra «mancha» está empregada, nesse comentário, com o sentido que o discurso jornalístico dá a ela, qual seja: a mancha do papel é toda a sua superfície coberta por letras.

«Situação de comunicação» de um texto é o conjunto de fatores inevitavelmente atrelado ao processo de leitura e escrita de qualquer texto: quem está escrevendo? Quando? Para quem? Com que objetivo? Que imagem esse escrevente tem de seu interlocutor? Como esse escrevente quer se apresentar? Qual imagem ele gostaria de construir de si mesmo?

3. IMAGENS COMUNICAM: VOCÊ PODE LER... ATÉ EM LÍNGUA ESTRANGEIRA!

O exercício tem por objetivo exemplificar como o **suporte** e a **situação de comunicação** podem contribuir para a significação do **texto multissemiótico** ou **multimodal**.

A relação entre as palavras e as imagens nos textos passou por uma grande mudança nos últimos 30 anos, nos livros, revistas, jornais, até nos livros didáticos. O texto comum na mídia hoje utiliza todo tipo de linguagem (verbal ou não verbal), sejam desenhos, fotos, artes gráficas em geral; por isso ele é um **texto multissemiótico**, dado que faz uso de diversos elementos portadores de sentido: letras, cores, imagens, gestos; ou **multimodal**, já que nele encontramos as modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não-verbal. Não é apenas a linguagem verbal que contribui para a interpretação; a imagem também é uma forma de expressão e de comunicação muito poderosa.

Leve para sua turma a seguinte foto, tirada de uma propaganda em um ônibus de uma cidade fora do Brasil. Enfatize que, mesmo sem sabermos ler o texto verbal da propaganda, já que está escrita no idioma norueguês, podemos imaginar muitas coisas que ela quer dizer:



Proposta de atividade

Faça perguntas sobre o texto que estimulem a participação de seus alunos, caso você decidir utilizá-lo em sala de aula. Determine o objetivo da atividade e justifique suas perguntas.

Comentário:

Apresentamos alguns exemplos de perguntas, a seguir

1) O que chama mais atenção nessa propaganda: o texto ou as imagens? Por quê?

2) Por que, mesmo sem sabermos ler o que está escrito na propaganda do ônibus, podemos ter alguma idéia do assunto de que ela trata?

3) Sobre o que vocês acham que é a propaganda?

Podemos notar que nessa propaganda a imagem da esquerda provoca um impacto muito forte em quem a vê: o fato de seu criador ter utilizado o escapamento do ônibus para imitar a fumaça saindo da boca de um homem deixa-nos surpresos. Mesmo sem ainda olharmos para o resto do anúncio, elaboramos algumas hipóteses do que venha a significar aquela imagem. Se soubermos ler norueguês, poderemos nos apoiar no texto escrito (que diz: “Preparado para parar?”) para confirmarmos nossas suposições. Do contrário, ainda teremos mais uma pista para elaborarmos nossas hipóteses: há, na propaganda, a imagem de uma caixa parecida com a de remédios. Desse modo, da gama de pressupostos que tínhamos anteriormente, poderemos selecionar alguns e, desta maneira, não fica difícil chegarmos próximo ao real significado da propaganda: trata-se da venda de um remédio antitabagismo.

Em publicidades como essa, por exemplo, em que a imagem comunica mais do que o texto escrito, não é necessário saber ler as palavras para interpretar o que o conjunto da propaganda quer dizer. Um aluno que ainda não foi alfabetizado, ou um que tem problemas com leitura e escrita, é perfeitamente capaz de ler materiais desse estilo .

Portanto, levar para a sala de aula um texto como este pode ser divertido, educativo, motivador, contribuindo ao mesmo tempo para dar segurança ao aluno nos seus primeiros passos pelo mundo da escrita.

É interessante chamar a atenção para o colorido da fotografia, que realça a fumaça cinzenta saindo do escapamento do ônibus. Detalhe muito menos visível se ela fosse em preto e branco. Neste caso, seria possível inferir que a propaganda era de remédio para calvície, já que o homem é absolutamente careca!

Releia a propaganda na página 47 do fascículo “*Preciso ‘ensinar’ o letramento?...*”, e analise aí também a relação entre a propaganda e o seu suporte. Reveja o conceito de **texto multimodal ou multissemiótico**, apresentado na pág. 48 do fascículo, e escolha um texto multimodal do cotidiano para uso em sala de aula.

O texto multimodal ou multissemiótico é aquele que combina as palavras com imagens, sons, cores, gestos, para significar.

4. OUTRAS LINGUAGENS, OUTRAS LEITURAS

O objetivo deste exercício é refletir sobre o fato de que as imagens comunicam tanto quanto a linguagem verbal e sobre a capacidade do aluno de lê-las.

Em supermercados, nos ônibus, em shopping centers e pelas ruas, de um modo geral, estamos cercados por textos **multissemióticos** ou **multimodais**, que utilizam diversos tipos de imagens, linguagem verbal escrita e, algumas vezes, também recursos da língua oral.

Esse novo tipo de texto tem grande poder de penetração na sociedade, é facilmente absorvido e lido num piscar de olhos, muitas vezes involuntariamente, sem prestar muita atenção. E é justamente pelo fato de estar tão incorporado à nossa vida que deve também fazer parte das leituras realizadas na escola, como uma forma de conscientização do aluno sobre a bagagem de conhecimentos sobre a escrita que ele já tem, colaborando, assim, para o aumento da sua auto-

confiança em relação ao trabalho por vir. Você pode aproveitar o fato de alguns textos não verbais despertarem grande atenção nos alunos e procurar explorá-los em suas aulas, dando-lhes a importância já dada ao texto verbal, mais tradicionalmente divulgado no meio escolar.

Familiarizando-se com o texto não verbal, os seus alunos vão descobrir que é possível ler até antes de ser alfabetizado.

Proposta de atividade:

Escreva cada uma das marcas, nomes de produtos ou avisos a seguir em cartolinas e peça para que seus alunos leiam:

Coca-cola

Banco do Brasil

Petrobrás

Shell

Mc Donald's

Volkswagen

Proibido fumar

Sanitários

Cuidado: crianças

Hospital

Quantos conseguiram? Agora peça que leiam os símbolos ou logomarcas abaixo, conte quantos conseguiram e compare os números:



Comentário

É importante seu aluno perceber que ele também é capaz de ler, porque não só as palavras escritas, mas também as imagens, comunicam.

Crianças ainda não alfabetizadas reconhecem a palavra “Mc Donald’s” pelo “M” característico da marca, ou as letras cursivas de um cartaz em que está escrito “Coca-cola” – o que acontece, na verdade, é que essas crianças, por estarem crescendo em metrópoles e conviverem cotidianamente com esses textos multimodais, antes mesmo de aprenderem a decodificar, reconhecem esses símbolos, como se fossem **ideogramas**

Ideogramas são símbolos (não fonéticos) que representam um objeto ou uma idéia em vez de um grupo de sons, como no sistema alfabético. Conforme o exercício de leitura acabou de nos mostrar, a criança pode não conseguir decodificar a expressão “Banco do Brasil”, mas, se próximo à sua casa houver uma agência desse banco, ou se os pais dela tiverem conta nesse banco, ou ainda se ela costuma ver propagandas do Banco do Brasil na TV, certamente essa criança pode ser capaz de ler o nome, como se fosse um ideograma .

REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO



FREIRE, Paulo (1990). **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. RJ: Paz e Terra, 3^a.ed, 2002.

5. E AS IMAGENS ESCOLARES, O QUE COMUNICAM? COM QUEM ELAS DIALOGAM ?

O objetivo do exercício é refletir sobre as diferenças entre os textos multimodais do cotidiano e os textos ilustrados dos materiais didáticos usados na escola.

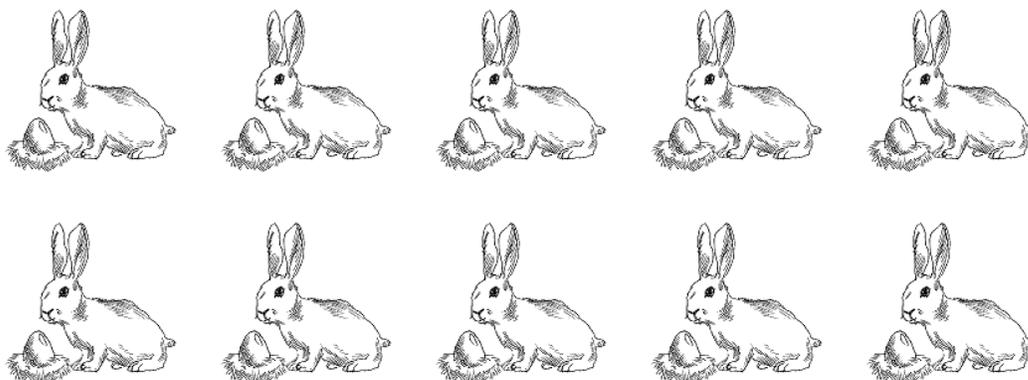
As escolas brasileiras, em geral, têm privilegiado práticas de letramento que levam em consideração apenas os textos verbais. Desta forma, deixamos de lado o trabalho com a interpretação da linguagem não-verbal, que está presente nos mais diversos textos **multimodais**. No entanto, ao assistir a um desenho animado, brincar com jogos eletrônicos, ler uma revista, um suplemento infantil do jornal ou brincar com cartões telefônicos, as crianças estão lidando, desde muito cedo, com a união do texto verbal com o não-verbal. Também na Internet, os usuários encontram **hipertextos** com muitos recursos - imagem estática, imagem em movimento, som, interação. Nesta direção, um dos objetivos do alfabetizador deve ser formar um leitor que consiga ler imagens.

Na linguagem de computação, **hipertexto** é um sistema para a visualização de informação. Para nós, da área da linguagem, é importante considera-lo como um tipo de texto, com organização interna, formado por um texto central com expansões organizadas, ou como uma rede interligada de textos, que se referem entre si, através dos *links*.

Vamos pensar agora nos desenhos dos materiais didáticos que usamos na escola. Muitas vezes são desenhos estereotipados, aqueles que são padrão, que não têm originalidade. É o coelhinho, o indiozinho, o Papai Noel, a casinha, o gatinho, todos iguaizinhos uns aos outros, que ainda aparecem nas salas de aula de nossas escolas. Mimeografado ou xerografado, esse tipo de desenho, que já fez e ainda faz história nas salas de aula, precisa ser complementado. Mesmo que as crianças adorem pintá-los e recortá-los, o uso exclusivo de desenhos estereotipados contribui para a simplificação, a esquematização e a homogeneização das coisas. Isso é contrário à capacidade de criação de cada aluno, não atende a sua necessidade de expressão.

Proposta de atividade:

1. Analise os desenhos a seguir. Com quais outras imagens essas imagens dialogam? A quais outros textos elas remetem?



Comentário:

Eles dialogam somente com outros textos escolares, os quais aparecem no livro didático, nos murais, nas folhas mimeografadas. Nosso trabalho exige que façamos movimentos em sentido contrário ao desenho estereotipado. Isso significa valorizar, encorajar e desafiar nossa criança. Isso significa solicitar a nossos alunos que desenhem, que observem os objetos e as coisas que estão a nossa volta, que os comparem, que tentem captá-los sob diferentes ângulos. Essas tarefas vão aguçar a imaginação das crianças e dar a elas novas perspectivas do próprio trabalho de desenhar.

O texto multimodal sempre esteve presente na sala de aula. No entanto, suas imagens são, em geral, pouco exploradas como elemento importante no processo de construção de sentidos. Nos textos multimodais de gêneros como a propaganda, o cartaz ou anúncio e a charge, por exemplo, a interação entre o **verbal e não-verbal** é muito mais afinada, tanto que, em alguns gêneros, é a própria imagem o que possibilita a construção de determinados sentidos, como vimos no exemplo do exercício 3 – e como veremos nas próximas atividades. Há um verdadeiro diálogo entre palavras e imagens.

Texto verbal é aquele que apresenta palavras escritas ou faladas (*verbal* vem de *verbum*, em latim, que significa *palavra*). Se, em vez de utilizar a modalidade escrita ou a modalidade oral da linguagem para significar algo, são utilizados outros sistemas para significar, como desenhos, cores, dança, gestos, dizemos tratar-se de um exemplo de texto não-verbal.

Vejamos dois exemplos de textos didáticos multimodais que ilustram bem essa diferença entre o texto multimodal e o texto didático com imagem:

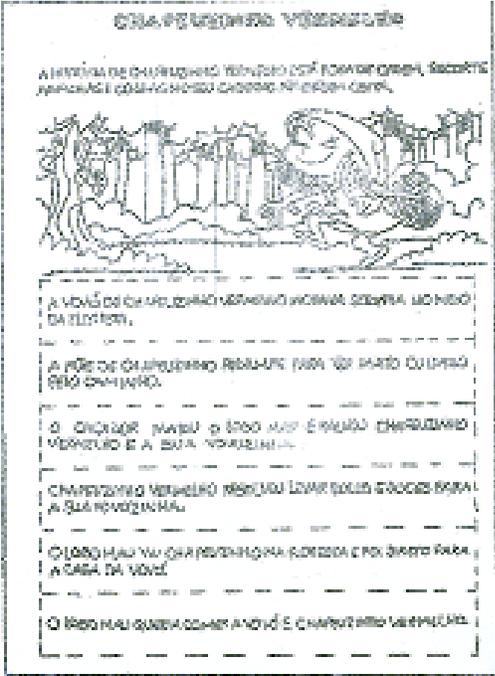


Fig.1.....Fig.2

Material produzido por um professor da rede pública do estado de São Paulo.

É importante que você pense na quantidade de imagens com que o seu aluno se depara no dia-a-dia, muitas das quais ele consegue ler e compreender porque, como já vimos nos exercícios anteriores, elas ajudam, junto com o entorno e os suportes, a comunicar o sentido do texto escrito para aqueles que ainda não conhecem o alfabeto.

Entretanto, as imagens no material que esse mesmo aluno encontra na escola não são tão fáceis de compreender (como as do dia-a-dia). É o que acontece, freqüentemente, no material didático-pedagógico com imagens elaborado pelo próprio professor, mimeografado ou xerografado, como nos exemplos.

Proposta de atividade:

2. Reflita sobre os materiais didáticos das Fig. 1 e 2 com base nas seguintes perguntas:

O que as imagens nos exemplos comunicam?

Qual a função da imagem nesse material?

Qual a relação com o texto verbal?

A imagem utilizada na Fig.2 tem relação com o texto apresentado?

Poderiam ter sido utilizadas outras imagens?

Comentário

A comparação dos textos que circulam fora da escola com os textos escolares nos permite avaliar que a escola trabalha com textos multimodais que só têm função dentro dela mesma. Precisamos refletir sobre a relevância de trabalhar com textos que efetivamente circulam em outras práticas sociais, ou seja, textos autênticos produzidos em diferentes esferas (jornalística, publicitária, literária...). Você deve ter percebido que, no primeiro exemplo, há a imagem de uma casa numa referência direta ao título do texto de Vinícius de Moraes, não ao sentido dos versos de seu poema.

No exemplo 2, há relação entre a imagem e o texto; o desenho faz sentido para quem conhece o conto Chapeuzinho Vermelho. Dos muitos aspectos da história que poderiam ser destacados para ilustrá-lo, foi escolhido o momento em que Chapeuzinho Vermelho passeia na floresta e é observada pelo Lobo Mau. Mas é um desenho sem sutileza, precário, sem valor estético.

Em relação a esse segundo exemplo, há uma outra pergunta pertinente: que destino será dado à imagem, quando os alunos recortarem as fichas? Ela irá para o caderno do aluno ou será descartada?

Sua resposta revelará a importância que você atribui à imagem no material que elabora e sobre a função da imagem no texto escolar.

3 Reflita sobre o ensino da escrita como prática social com base na seguinte pergunta:

A escolha das imagens que acompanham os textos que você leva para suas aulas é importante para o trabalho na sala de aula?

Comentário

A questão é muito relevante porque ela nos permite avaliar que a escola trabalha com textos ilustrados, mas não multimodais. Num texto multimodal, todos os elementos – verbal e não verbal - contribuem para fazer sentido. Nos exemplos escolares que vimos, o texto verbal está dizendo uma coisa, e a imagem pode estar dizendo outra, o que torna a leitura bem mais difícil.

LEIA AS PÁGS. 25-27 DO FASCÍCULO, para revisar o conceito de prática social. Na discussão desse trecho, perceba que, na escola, é fundamental trabalhar com a grande diversidade de textos multimodais que circulam na sociedade, por isso é importante compreender que, para realizar um trabalho significativo com textos, não basta introduzi-los na sala de aula, é preciso organizar propostas diferenciadas de trabalho.

Entretanto, é importante lembrar que levar para a sala de aula tirinhas, receitas, propagandas, para depois usá-las para sublinhar substantivos ou circular proparoxítonas, por exemplo, não auxiliará o aluno a perceber a rede de sentidos que constitui qualquer texto. (VEJA TAMBÉM PAG. 37 DO FASCÍCULO),

DICAS PARA SUA SALA DE AULA

Proponha a observação do texto a seguir, também com um coelho estereotipado, mas que dialoga com muitas outras imagens e textos. Deixe a análise para aulas posteriores.



Gibi da Magali, ed. jul. 2002, n. 342.

Durante o exercício de observação focalize, dependendo da turma, elementos da [situação de comunicação](#) que são importantes para a análise crítica da propaganda, tais como

Quem escreve?

Para quem escreve?

Em que suporte circula?

Quando foi publicada?

O autor relacionou o pensamento do coelho com uma tradição bastante conhecida. Qual?

Por que a letra **N** aparece tanto na cama quanto no lençol do coelhinho?

Que pistas sinalizam a idéia de alegria representada nessa propaganda?

Que relação pode ser estabelecida entre a alegria representada na propaganda e o produto apresentado?

A seguir, apresentamos uma análise que pode servir de subsídio para a discussão das atividades preparadas pelo professor.

Comentário

Lembre-se de que muitos elementos precisam ser analisados para que se perceba que a escolha de qualquer um deles não se dá de forma aleatória; eles são selecionados em função dos propósitos do texto. É importante pensar que um trabalho significativo com textos multimodais pode ajudar muito o aluno não só a interpretar textos, mas também a entender um pouquinho mais o mundo em que vive!

Em relação às questões relacionadas à situação de comunicação, vale ressaltar que no gênero propaganda há uma autoria coletiva. No texto em análise, a empresa Nestlé contratou publicitários para produzir tal texto. As editoras Globo e Maurício de Sousa, por sua vez, são responsáveis pela edição e distribuição do gibi onde a propaganda foi publicada, portanto, são co-partícipes desse processo. Além disso, cabe lembrar que o gibi tem uma data específica. No caso em análise, julho de 2002, essa informação nos ajuda a compreender a relação entre a divulgação da propaganda e a promoção do Show do Milhão (“Promoção válida de 22/03/02 a 15/08/02”), colocada no canto direito da propaganda, uma época em que o consumir tem grande relevância na nossa vida.

Quanto aos elementos verbais, há de forma bem destacada a marca Nestlé, no canto direito inferior da página, ligada à promoção do Show do Milhão. Para saber do que se trata mais especificamente, o leitor deve ativar seu conhecimento de mundo sobre o que é o “Show do Milhão” (programa da rede SBT de televisão sob a condução de Silvio Santos) e de que promoção se trata. Além disso, há uma frase ao lado do produto Nesquik “Tem sabor de alegria”, e a letra N (de Nestlé, provavelmente) na cama onde o coelhinho dorme e sobre o lençol.

O produto está destacado através da apresentação de duas latas (uma de morango e outra de chocolate) em cima do criado-mudo ao lado da cama. Aliás, na própria logomarca “Nesquik” há relações interessantes com “NES” (de Nestlé) e “QUIK” (neologismo a partir da palavra inglesa “quick” que significa “rápido”). A rapidez está bem representada pelo coelho (animal considerado rápido também na reprodução da espécie) e no fato de o produto ser fácil e rapidamente preparado.

A imagem mostra um coelhinho muito feliz, sorridente, que, preparando-se para dormir, conta os copos de leite com Nesquik, sabor chocolate e morango “pulando uma cerca”, numa relação intertextual com o “contar carneirinhos”, história tradicional relacionada com insônia, segundo a qual, ao contar carneiros para dormir, tem-se facilidade de pegar no sono e ter uma noite feliz. A criança só perceberá a relação entre os textos (intertextual) se analisar a utilização de um balão de pensamento, típico das histórias em quadrinhos, que permite a visualização da disposição do coelho de pegar no sono.

A alegria é o tema em torno do qual se organiza a propaganda. Essa idéia está retratada no sorriso do coelho, no seu pensamento com “copos de leite com Nesquik que pulam cerca”, no slogan “Tem sabor de alegria”, nas cores vibrantes utilizadas em todo o texto (o próprio coelho tem detalhes em rosa e marrom, que remetem a morango e chocolate).

O detalhamento na análise dependerá, é claro, da maturidade de seu aluno. Porém qualquer um desses elementos pode ser analisado para que o aluno perceba que eles são selecionados em função dos propósitos do texto, neste caso, comprovar que o Nesquik, produto apresentado, é a melhor opção de consumo para a criança que quer ser alegre.

As perguntas que o professor faz são importantes para ajudar o aluno a perceber o funcionamento de alguns dos elementos da propaganda dirigida ao público infantil, o que certamente não quer dizer que o aluno deva passar por toda uma análise como a feita aqui. A análise deste exercício tem fins pedagógicos; a do aluno tem que ter por finalidade a leitura crítica.

Assim, o texto pode ser utilizado numa unidade sobre consumo, para tornar o aluno mais resistente à propaganda. Ou pode ser utilizado na época da Páscoa, contrastando com o desenho do livro didático sem tempo nem local, descontextualizado.

E, para ler criticamente, o leitor tem que perceber que comprando Nesquick faremos a Nestlé, a SBT, a Globo e a firma publicitária muito felizes. Como você faria para que ele percebesse isso?

Uma dica: Comece com a leitura que as grandes empresas envolvidas querem que façamos. Peça as crianças descrever o coelhinho e anote as repostas numa lista: O coelho está feliz, sorridente, rindo, contente, quentinho etc. O aluno terá que ler a linguagem verbal e não verbal, com sua ajuda, para ir dando essas repostas.

Em seguida, podem vir as atividades de questionamento, via senso comum

6. O TEXTO VERBAL E O NÃO VERBAL SE COMPLEMENTAM

O exercício pretende apontar que, nos textos multimodais, tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal contribuem para a construção do sentido do texto na leitura, assim como refletir sobre a importância de conhecer o gênero ao qual o texto pertence para compreendê-lo.

O aluno pode ler o mundo de imagens ao seu redor, mesmo antes de ser alfabetizado; entretanto, já vimos que para ler qualquer **gênero** é preciso ter familiaridade com esse gênero, saber como funciona, como é lido, quais são as convenções nele utilizadas, que estilos são mais usados.

Considerando as atividades anteriores, podemos concluir que, para interpretar bem um **texto**, devemos ler as partes que o compõem. Não só as palavras, mas também as imagens que o acompanham e a disposição desse texto

em relação a essas imagens, assim como a disposição e tamanho das letras, interferem diretamente em sua significação e nos ajudam a construir sentidos.

Uma diferença básica entre o **texto verbal e não verbal** é a linearidade do texto escrito ou falado. De fato, como podemos constatar aqui mesmo neste texto, as palavras são dispostas na página uma após a outra, dentro de uma sintaxe característica da língua utilizada (no caso, a Língua Portuguesa), a qual não permite certos arranjos (por exemplo, não poderíamos dizer ou escrever: “arranjos a qual permite não certos”), com um acervo lexical que nos é familiar, porque somos falantes e escreventes nativos etc.

Já o texto não verbal contém elementos simultâneos, algumas vezes sobrepostos, organizados dentro de uma “sintaxe” particular. Apesar dessa diferença, nós conseguimos ler os textos não verbais muito bem, porque utilizamos nossas múltiplas competências de leitor para, a partir deles, buscar sentidos. As diferenças no modo de ler um texto verbal (leitura paulatina e linear) e um texto não verbal (como uma totalidade indivisível, ou seja, a partir do todo, que pode depois ser pormenorizado) passam despercebidas na leitura. Ambas são necessárias para a interpretação; elas se complementam.

Veamos um exemplo dessa complementaridade no texto a seguir, pertencente ao **gênero** **tirinha**:



REVISTA RECREIO. Edição especial TIRINHAS. São Paulo: Abril, 2004.

Proposta de atividade:

1. Com base na sua leitura e nas atividades que já fizemos, comente: de onde vem o humor desta **tirinha** ?

2. Reflita sobre uma aula de leitura dessa tirinha. Se você usasse esse texto com sua turma, e os alunos rissem, o que você faria em seguida? E se não rissem, o que você faria?

Comentários:

Como podemos perceber, o humor dessa tirinha está na leitura conjunta do verbal e do não verbal. Se retirarmos os diálogos, as ilustrações perdem seu sentido; se focalizarmos apenas o verbal, a ausência das ilustrações mudaria o sentido do texto. Uma leitura da tirinha que estamos analisando traria como resultado o sentido de que o garoto fez um convite a Lavinha e, depois, ambos quebraram nossa expectativa inicial, pois os vimos executando uma tarefa diferente da que esperávamos ver no quadrinho seguinte. É exatamente esse estranhamento que nos causa o riso. A expressão “tirar fotos” permite pensar em um sentido até então inusitado para o contexto que se nos apresenta na tirinha, qual seja: o sentido de “arrancar”, perfeitamente previsível na Língua Portuguesa.

O riso de seus alunos, após a leitura do texto, é sinal de que houve compreensão e nenhuma outra pergunta seria necessária para a atividade de leitura propriamente dita. Você poderia perguntar por que eles riem, o que acham engraçado, a fim de fornecer uma oportunidade para verbalizar a análise da língua necessariamente realizada durante a leitura. Se seus alunos não rirem, é melhor guardar o texto e deixar para outra oportunidade; pode ser relido em outro momento, depois de ter explorado num jogo (“descubra o outro significado”, por exemplo) outras expressões e palavras homófonas: “limpei a manga com a manga” etc.).

A “**tirinha**” é um gênero caracterizado por apresentar um texto curto (de três a cinco quadrinhos), predominantemente não-verbal, que aparece, na maioria dos “gibis” (suporte das histórias em quadrinhos), na última página. As tirinhas também aparecem nos jornais impressos.

Você já viu numa das atividades da Unidade 4, que as imagens do entorno, das logomarcas comunicam e podem ser lidas, mesmo por crianças ou adultos que não são alfabetizados. Vejamos um outro exemplo dessa leitura, desta vez de um texto do gênero tirinha. Na tirinha a seguir, não há nenhum diálogo escrito:



Mesmo assim, conseguimos ler a história contada.

Proposta de atividade:

Peça aos seus alunos para contarem a história para você. Você pode ajudá-los fazendo algumas perguntas, se necessário:

- a) O Chico Bento matou o porquinho?
- b) O porquinho chora porque tem medo do Chico Bento? Tem medo do barulho?
- c) O porquinho chora porque pensa que o cofrinho que o Chico quebrou era um porco de verdade?

Comentário

Anote as interpretações dos alunos na lousa e discuta com a classe. Verifique se há algum aluno que não entendeu que o porquinho chora porque pensa ser o cofrinho quebrado pelo Chico um porco de verdade.

Se isso aconteceu é porque, provavelmente, o aluno não entendeu que o 2º quadrinho dá continuidade ao primeiro e representa o barulho da martelada, com letras grandes, riscos e cores. Vale ressaltar, no entanto, que a falta de compreensão não tem a ver com o conhecimento das letras.

Veja como trocando a **onomatopéia** o sentido não se altera e a resposta continua a mesma:

Onomatopéia é uma figura de linguagem caracterizada pela formação de palavras através da imitação de sons e que remetem, por evocação, a algo que se deseja representar. Por exemplo: telefone tocando= triiiim, triiiim; som do relógio = tique-taque; criança chorando = Buááá.



A compreensão, então, depende do conhecimento do **gênero tirinha**, no qual a ordem dos quadinhos representa a seqüência de fatos no tempo. Com esse exercício, fica claro que não é necessário ser alfabetizado para poder ler determinados textos e que, mesmo sendo alfabetizado, o aluno que não conhecer as convenções do gênero não conseguirá compreendê-lo.

2. Procure outros exemplos similares a esse e peça para os alunos substituírem a onomatopéia de modo a preservar o sentido original da tirinha.

Vamos agora refletir sobre algumas características do gênero. Observe a tirinha a seguir:



Apesar de só haver imagens, também aqui poderemos contar uma historinha a partir dela, se conhecermos o gênero, ou seja, se soubermos que os quadros retratam eventos de uma historinha que se passa num tempo representado pela ordem dos quadrinhos, lidos da esquerda para a direita ou de cima para baixo, tal como lemos a nossa escrita: o primeiro quadrinho representa o primeiro momento da história, o quadrinho que segue representa um momento seguinte, posterior, e assim sucessivamente.

Isso é um conhecimento cultural que só as crianças que manuseiam e lêem gibis, isto é, que têm familiaridade com esse gênero, possuem. Dessa forma, o fato de seu aluno poder ler outros textos não verbais – como alguns logotipos, alguns sinais de trânsito - não significa que, sem um modelo, ele lerá um texto de um novo gênero, mesmo que este texto não exija o conhecimento do alfabeto. Por isso, antes de trabalhar com as tirinhas, é preciso que o professor conte a historinha, apontando para as imagens, casando a seqüência temporal causal com os quadrinhos, a fim de mostrar como esse texto deve ser lido, quais as convenções do gênero etc.

Proposta de atividade:

Monte uma atividade para que seus alunos se familiarizem com o modo em que a **tirinha** representa a seqüência narrativa.

Comentário

Entre as atividades possíveis, pode pedir aos seus alunos para imaginarem qual história que a tirinha conta, chamando atenção para as ações representadas em cada quadro. Procure diversas formas de ajuda-los a planejar sua narrativa.

O seu modelo pode ser necessário, caso os alunos não tenham familiaridade com o gênero. O professor pode ser usar uma outra tirinha para você contar uma história como modelo, prestando atenção aos marcadores de tempo narrativo que usa ao passar de um quadrinho para o seguinte

Um modo de ajudar o aluno a perceber a importância da ordem dos quadrinhos na seqüência narrativa é mostrando que, ao modificar essa ordem, o enredo também muda. Uma atividade muito simples consiste em mostrar a primeira tirinha, fazendo perguntas para ajudar seus alunos a construir um enredo, para em seguida mostrar a nova seqüência, pedindo que construam uma nova história; chamando-os individualmente e permitindo que a turma ajude na reconstituição. Os alunos perceberão que são capazes de criar uma historinha a partir de imagens e que alguns gêneros, como as tirinhas, exploram as imagens para nos contar uma narrativa. Preste atenção e, se possível, anote os recursos que seus alunos utilizam para construir suas **seqüências narrativas**. Eles ajudarão no planejamento de suas próximas aulas.





Outra idéia pode ser fazer perguntas para o seu aluno ir percebendo que a sucessão cronológica dos acontecimentos relatados é sinalizada pelos verbos, pelas alternâncias das personagens, pela variação entre estruturas verbais no presente e no pretérito, pela voz do narrador, dando sentido às imagens e conduzindo a narrativa a um desfecho.

No exemplo, é importante lembrar o aluno a observar:

- situação inicial: Mônica, tranqüilamente sentada embaixo de uma árvore, está entretida com a leitura de um livro;
- complicação (fundamental para desencadear todas as ações posteriores): surgimento da sapeca e comilona Magali, que dá um susto em Mônica;
- transformação de um estado para outro: Mônica em cima da árvore e Magali pedindo a ela uma maçã (razão pela qual assustou Mônica).

Uma seqüência narrativa se caracteriza pela marcação temporal cronológica dos fatos, o que notamos nos vários tempos verbais utilizados para sinalizar seus diferentes momentos, Outras características de uma seqüência narrativa são a causalidade, ou seja, o porquê dos acontecimentos, e a presença das personagens.

Lembrete

Os marcadores, as palavras que enquadram o início desse tipo de narrativa, são, por exemplo: *um dia, era uma vez, certa vez, há alguns anos*, além de tempos verbais no pretérito imperfeito, tais como: *cantava, passeava, vivia, estava*, entre outros.

Já os marcadores da complicação podem ser: *aí, (quando) de repente, nisso, então*; os tempos verbais, por sua vez, aparecem no pretérito perfeito: *apareceu, chegou, pensou*, ou no presente (mais direto, próximo): *aparece, chega, pensa*.

REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO



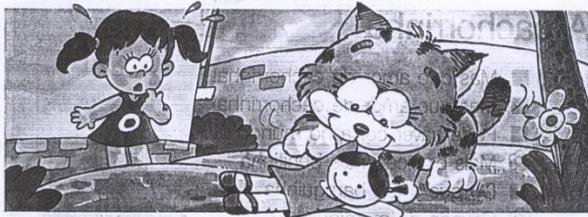
SCHNEUWLY, B. & J. Dolz. Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino. *Repères*, 15, 1997. In: Rojo e Cordeiro (orgs.): **Gêneros orais e escritos na escola** – Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

7. IMAGENS NA PRODUÇÃO TEXTUAL

O exercício visa à reflexão crítica sobre as práticas escolares de leitura de imagens

A imagem no texto é frequentemente utilizada em sala de aula, nas situações em que se deseja que os alunos produzam narrativas, que eles contem ou escrevam histórias. Quando se solicita aos alunos que escrevam ou completem histórias, a imagem é o próprio conteúdo de leitura; ou seja, antes de começar a produzir, os alunos devem compreender aquilo que as imagens estão “dizendo”. Eles estão, efetivamente, lendo a imagem. Qual o tipo de “leitura” de imagens envolvida nessa atividade escolar? Veremos, a seguir, dois exemplos:

REDAÇÃO



Complete a história de acordo com a cena.

Um gatinho levado

Laila é uma menina muito cuidadosa com suas coisas. Seu brinquedo preferido é a Zazá, uma boneca de pano que sua mãe fez.

Certo dia ...

Neste exemplo, solicita-se ao aluno completar a história representada na cena.

Proposta de atividade

Avalie criticamente a atividade do livro didático. Para isso, complete você mesmo a historinha e reflita sobre o processo. Que história você escreveu?

Comentário:

Para trabalhar com imagens motivadoras de histórias, um cuidado é indispensável: a história contada nas imagens precisa conter uma situação perturbadora; do contrário, nossos alunos não terão o que imaginar, e as histórias terão “início, meio e fim”, mas essas três fases resumidas em apenas três ou quatro frases. Não podemos esquecer que uma história se constrói em função de uma **situação problematizadora**. Para exemplificar o que significa uma situação problematizadora, pensemos numa novela de televisão. Se o núcleo for constituído por um casal que se entende maravilhosamente bem, como os autores levarão adiante capítulos e mais capítulos prendendo a atenção do telespectador? Mas e se existisse um trio amoroso, não um casal? Haveria, então, conflitos, desencontros. Nessa situação, é possível desenvolver uma trama cheia de intrigas e problemas que exigirão muitos capítulos para serem resolvidos. Assim, a intriga,

o problema, o conflito, é parte básica na novela. É possível afirmar que sem trio amoroso, não há novela!

Pense também na última novidade que você contou para um colega de trabalho ou alguém de sua família e registre-a por escrito. A novidade que você contou é algo parecido com “eu levantei, tomei café, saí apressado(a) para dar aula, voltei para casa na hora do almoço, dei mais alguns períodos de aula à tarde, voltei para casa e fui dormir”? Temos certeza de que a resposta é “não”. Quando contamos alguma coisa a alguém, contamos o “inédito”, aquilo que nem sempre acontece, o engraçado, o diferente. Por isso, sem conflito não há “corpo” para uma história.

Veja que, no caso da história “Um Gatinho Levado”, a parte já elaborada pelos autores indica que haverá conflito logo depois do início: esse conflito, representado no desenho, está anunciado pela expressão “certo dia”. Uma pena que esta história seja tão “artificial”, afinal, nossas crianças não são tão infantis quanto o autor do livro didático parece julgar, não é mesmo?!

Por outro lado, há outra perspectiva de análise da proposta do livro didático: analisar o porquê da própria atividade. Pense: por que nossos alunos precisam completar histórias ilustradas ou escrever histórias a partir de desenhos estereotipados? Qual a diferença entre esse tipo de leitura de imagens e o trabalho de compreensão (leitura) das imagens, em gêneros como o das tirinhas, da atividade anterior?

Um segundo tipo de atividade muito comum no livro didático, além do uso de imagens para iniciar um relato ou história, é seu uso para a produção de descrições.

Proposta de atividade

Imagine que foi solicitado aos alunos que descrevessem a gravura abaixo, um caso em que a imagem é o próprio material de leitura. Para ter uma idéia do que está envolvido, descreva a gravura a seguir e registre sua resposta.



Comentário

A fim de refletir um pouco sobre essa atividade, uma questão que se põe é a seguinte: por que precisamos descrever imagens?

Inicialmente, pensemos juntos em situações nas quais nós nos colocamos diante de uma atividade de descrição. Imagine que você precise solicitar a uma amiga, que não é tão próxima, a entrega de um documento num determinado lugar. Além de dar o endereço completo deste lugar, você resolve dizer: “é um prédio rosa, de dois andares, tem uma longa escada lateral e um canteiro cheio de arbustos pequenos na frente.” Imagine uma outra situação: você solicita a um colega de trabalho que entregue um atestado qualquer para a sua diretora de escola, já que você está impossibilitado de realizar essa tarefa. No retorno desse colega, ele confirma a entrega, mas não para a diretora, pois ela havia saído. Ao perguntar para quem o atestado foi entregue, seu colega responde: “não lembro o nome, mas era uma pessoa baixinha, de cabelo curto, escuro, olhos azuis. Ela usava uma blusa branca muito bonita com um bordado de flores colorido.” O que observamos aqui? Há um processo descritivo que está sendo usado por uma necessidade concreta: precisamos descrever para tornar conhecido o objeto/pessoa que é, neste caso, o centro do processo.

Quando solicitamos aos alunos que descrevam gravuras, devemos nos perguntar por que eles devem descrevê-las. Nosso objetivo é ensinar a escrever, mas será que não existem atividades mais interessantes e produtivas?

Para usar a descrição em sala de aula, seria interessante pensar em situações reais em que costumamos descrever, como nos casos acima relatados. Podemos criar essas situações em sala de aula para os alunos perceberem os usos da descrição no dia-a-dia. Você também poderia pedir para os alunos tentarem se lembrar de situações que viveram em que tiveram que descrever algo ou algum lugar.

8. OUTROS TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS NA AULA: uma charge e uma propaganda

A atividade tem como objetivo mostrar como outros gêneros utilizam-se da multimodalidade para construir sentidos.

Agora que já vimos o que são os textos multimodais ou multissemióticos e também já discutimos um pouco sobre como levá-los à sala de aula, passemos a outros gêneros que envolvem linguagem verbal e não verbal, também presentes em nosso cotidiano e que são exemplos de textos que podem ser trabalhados com seus alunos.

Começaremos pelo gênero **charge**, muito comum nos jornais impressos e algumas vezes nos jornais televisivos. Neste exercício, focalizaremos mais detidamente a noção de leitura e suas implicações no trabalho de ensino.

Iniciemos nossa reflexão por uma situação de sala de aula.

Charge é gênero que utiliza o desenho exagerado, com ou sem legenda, para satirizar algum acontecimento atual ou uma personalidade. A charge é veiculada em jornais e revistas e, para entendê-la, é preciso estar por dentro do assunto criticado.

Proposta de atividade:

Imagine que você tenha solicitado a seus alunos que trouxessem jornais para a sala de aula, a fim de realizar uma atividade. Um de seus alunos, antes de iniciá-la, vê no jornal a **charge** abaixo e pergunta para você o que ela significa.



O que você responderia a ele? Essa charge comenta que fato?

Como você chegou a essa conclusão?

Você sentiu dificuldade para realizar a leitura dessa charge? Procure refletir sobre a(s) causa(s) dessa dificuldade.

Comentário:

A charge sempre satiriza algum fato ou alguma personalidade pública. Se prestarmos atenção a essa charge, veremos que ela relaciona-se ao universo do futebol, pois o leão calça chuteiras e na placa está escrito “segundona”, o que faz referência à segunda divisão do campeonato de futebol. A charge satiriza algum time (ou jogador) que esteja caindo para a segunda divisão. As dificuldades em interpretar a charge podem advir da falta de conhecimento de mundo, mais especificamente do universo futebolístico, pois o leão faz referência a algum time de futebol do qual é mascote, e também da data da charge, pois sem ela não sabemos a que acontecimento ela se refere: se está satirizando o time que caiu para a segunda divisão /nessa temporada ou há 2 anos.

Com base na sua reflexão sobre essa charge, você concorda com esta opinião?

Comentário:

Diante do que vimos, não podemos afirmar que ler textos não-verbais ou textos multimodais é mais fácil do que ler textos verbais, principalmente se levarmos em consideração: (i) as diversas capacidades de leitura que utilizamos para ler as imagens e (re)construir sentidos; (ii) a função das imagens nos diversos gêneros e (iii) o conhecimento que temos sobre o assunto.

2. A propaganda é outro gênero em que o diálogo entre imagem e texto verbal se combinam intrincadamente para sugerir diversos sentidos. Leia a propaganda abaixo, e reflita sobre os sentidos possíveis a partir da combinação do verbal e do não-verbal.



Proposta de atividade:

Ao utilizar essa propaganda em sala de aula, imagine que perguntas você poderia fazer ao seu aluno para que ele chegue a elaborar alguma interpretação. Lembre da propaganda do Coelho de Páscoa, na atividade 3 da Unidade 5, para planejar sua aula.

Comentário

A relação entre os elementos verbais e não verbais no gênero em questão é central para sua interpretação, para a negociação de sentidos. A imagem da tartaruga, firmemente assentada nas suas grossas pernas, sugere a solidez, a estabilidade desejável num lar. Por outro lado, o casco é a sua “própria casa”, razão pela qual o animal não precisa ir atrás da “casa própria” referida na parte verbal do texto.

Entretanto, a negociação de sentidos está relacionada também a elementos externos da [situação de comunicação](#) em que esse texto circula e que se materializam no texto. Vejamos, para exemplificar, três elementos dessa situação:

(a) os conhecimentos prévios do leitor sobre o tema, por exemplo, sobre a tartaruga das fábulas, animal sensato, lento, mas seguro, confiável, responsável, com a implicação de que assim será o processo de aquisição da casa própria caso ele fique nas mãos da firma Construtora objeto da publicidade.

(b) os participantes previstos, o leitor alvo. Não temos a fonte em que o texto foi publicado, mas sabemos que se trata de uma propaganda impressa em jornal ou revista, que são lidos por grupos com poder aquisitivo médio e alto, as chamadas classes A e B. Portanto, o sonho da casa própria é o sonho da casa de condomínio fechado, não exatamente a simples proteção sugerida pela carapaça da tartaruga. É em função dessa informação (não dita) que começa a fazer sentido a expressão “melhores bairros”: são os bairros sem pessoas indesejáveis, sem violência, com pessoas da classe social do público alvo; enfim, com a segurança do bicho cuja sorte o leitor pode ter, caso compre uma casa na construtora.

(c) conhecimento do discurso publicitário, do gênero propaganda. Está implícito, na pergunta “Você não teve a sorte de nascer com a casa própria nas costas?”, que a sorte do leitor mudará caso adquira uma casa da firma construtora. Temos, novamente, a promessa da felicidade – da sorte – se consumirmos o produto oferecido (lembra da alegria e felicidade do coelhinho da propaganda da Nestlé?) . Só que se omite o custo desse produto e o fato de que ele está ao alcance de pouquíssimos.

Tudo isso faz parte da compreensão da propaganda e é por esse motivo que a aula de leitura deveria levar o aluno a perceber que, como toda propaganda, esta tem informações ocultas. Como diz Marilene Felinto na edição de novembro de 2005 da revista *Caros Amigos*, “... a publicidade tradicional é uma mentira que não se realizará e que só contribui, portanto, para tornar as pessoas infelizes. “

Assim, as suas perguntas devem ajudar seu aluno a perceber a criatividade do texto, dos jogos de palavras, da engenhosa complementação dos elementos verbais com os não verbais, para, em seguida, levá-lo a perceber os implícitos, para assim chegar também a perceber que o texto não nos diz toda a verdade, porque essa é uma das características do gênero propaganda.

9. IMAGEM E SENTIDOS

A unidade mostra como imagem e manchete se complementam no texto jornalístico.

Nos textos **multissemióticos (ou multimodais)** jornalísticos, muitas vezes é a imagem que fornece um contexto para determinar qual o sentido da parte verbal. É possível ajudar o aluno a perceber essa relação mediante atividades que podem ser apresentadas em forma lúdica, como a seguinte.

DICA PARA SUA SALA DE AULA

Coloque na lousa a frase a seguir, que foi título de uma matéria publicada na revista Veja.

“A ESTRELA TEVE UM CHILIQUE”

Lembrete importante sobre o conhecimento prévio necessário: o aluno precisa ter familiaridade com o jornal e com revistas para entender a noção de manchete.

Combine essa manchete com diferentes imagens, fazendo com que esse mesmo título ganhe sentidos muito diferentes. Solicite aos seus alunos que indiquem algumas possibilidades. Caso elas não ocorram, ajude-os fazendo perguntas. A seguir colocamos exemplos de possíveis respostas.

- Matéria sobre crise em time de futebol, deixando torcedores preocupados.
- Reportagem sobre fábrica de brinquedos, que acusa concorrentes de espionagem industrial.

- Reportagem falando que famoso jogador de futebol não aparece em jogo e diz que só volta a treinar sob determinadas condições.
- Matéria sobre empresa de combustíveis, que alega baixos lucros e demite milhares de funcionários.
- Etc.

Você pode ler aos seus alunos os temas e pedir a eles que indiquem qual a imagem que poderia ilustrar o texto:



Assim como você já conhece essas imagens, seus alunos provavelmente também as identificam sem grande dificuldade, visto o fato de elas por si só já proporcionarem um contexto para a interpretação.

Seria interessante, ainda, pedir aos alunos que tentassem imaginar outros possíveis assuntos com as fotos acima, aliadas ao mesmo título, ou que buscassem outras imagens para ilustrar a mesma manchete.

Você pode terminar a aula mostrando a página com a matéria da Veja que, por sua vez, vinha acompanhada da seguinte foto, ilustrando o “surto” de um astro, que explodiu e brilhou no céu com uma intensidade jamais registrada na história da astronomia.

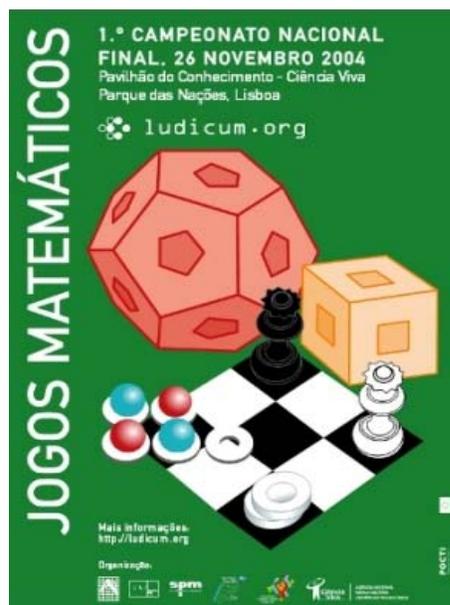


10. GÊNEROS ESCOLARES: CARTAZES E MURAIIS

O objetivo da atividade é mostrar como trabalhar textos multissemióticos do gênero *cartaz* em sala de aula levando em conta sua função social.

Observe os seguintes cartazes:

Grupo 1



Agora, observe estes:

Grupo 2

**O substantivo próprio
deve ser escrito com letra
MAIÚSCULA.**

*Usa-se “m” antes
de “p” e “b”.*

Dígrafo é o encontro
de duas letras que
representam um
único som.

Pelo que você observou, não há muitas semelhanças para destacar nos dois grupos, além do fato de ambos apresentarem “cartazes”. Já em relação às diferenças, é possível destacar muitas delas, mas a principal refere-se ao meio de circulação desses cartazes. Os do primeiro grupo estão em todos os lugares: bares, restaurantes, supermercados, paradas de ônibus, nos murais de empresas e lojas... Os cartazes do segundo grupo têm uma circulação muito mais restrita, já que estão afixados nas paredes das salas de aula de nossas escolas. A função dos primeiros é fundamentalmente informar as pessoas sobre a realização de encontros, reuniões, shows, passeios, eventos... Os segundos são utilizados simplesmente como recursos mnemônicos, isto é, utilizamos como recurso para auxiliar o aluno a memorizar os conteúdos que, nós, como professores, julgamos indispensáveis numa boa aula de português.

Em resumo, os cartazes do primeiro grupo têm importância e função definidas nas práticas sociais fora da escola, enquanto que os do segundo grupo têm importância e função definidas somente nas práticas escolares.

Proposta de atividade:

Refleta sobre a possibilidade de pensar em atividades em que o cartaz elaborado na sala de aula tenha uma função mais ampla na escola.

Comentário:

O cartaz pode ter uma função mais ampla, sim, se atentarmos para o seu uso numa atividade da vida social.

Digamos, por exemplo, que a turma queira divulgar a apresentação de uma peça de teatro que organizou. Por que não organizar com os alunos o cartaz de divulgação? Nesse caso, as informações pertinentes (local, data, horário de apresentação), o título e a(s) imagem(ns) devem ser pensados coletivamente, ou em pequenos grupos. Será uma ótima oportunidade para discutir, inclusive, aspectos importantes sobre a circulação do cartaz: onde ele será exposto?, quem o lerá? É fundamental também não esquecermos do poder das imagens (sejam desenhos ou fotos) de atrair o leitor, o que é essencial no caso do gênero *cartaz*. Nesse sentido, selecionar imagens criativas e relacionadas ao texto é importantíssimo!

E, atenção: se não tivermos atividades para serem divulgadas por meio de cartazes, está na hora de repensarmos as atividades que estamos propondo aos nossos alunos!!!

DICAS PARA SUA SALA DE AULA**Lembretes importantes para a confecção de um cartaz:**

1. Calcule qual o espaço que você tem no suporte que escolheu (uma cartolina, meia cartolina, por exemplo).
2. Distribua, nesse espaço, os elementos essenciais que vão participar do cartaz: título, texto e/ou imagem/imagens.

3. Veja se as ilustrações e o texto são visíveis e legíveis ao público-leitor (ele será visível no local onde estará?)
4. Destaque o título.
5. Utilize apenas as informações indispensáveis no texto escrito. Um cartaz com muitas informações fica carregado e não atinge o público-alvo.
6. Analise se a(s) ilustração/ilustrações estão relacionadas ao texto.
7. Revise o texto.

14. O JORNAL-MURAL

A atividade sugere como trabalhar com textos multimodais que circulam no âmbito escolar: o gênero *jornal-mural*.

Como o nome está dizendo, o jornal-mural é um jornal que fica afixado na parede, de forma que todos possam ler. Da mesma maneira que todo jornal, é igualmente **multissemiótico** ou **multimodal** e por isso é um bom exemplo de como o verbal e o não verbal se complementam para construir o sentido de um texto.

As matérias que o jornal-mural traz são renovadas periodicamente (a cada quinze dias, um mês...). Esse periódico pode conter notícias sobre o local onde é produzido (a escola, por exemplo) e sobre o bairro, a cidade, o país e o mundo, desde que os assuntos tratados interessem às pessoas a quem ele se dirige. A seleção dos assuntos pode depender também do local em que o jornal-mural estará exposto: é o interior da sala de aula ou o interior da escola? Nos dois locais, há uma função importante desempenhada pelo jornal-mural: fazer as informações circularem por toda a escola ou somente na sala de aula, sejam elas já veiculadas pelos órgãos da imprensa, livros didáticos, etc. e/ou informações organizadas e elaboradas pela turma.

Não pense que a falta de um mural – enquanto suporte – deva ser empecilho para você organizar um jornal-mural com seus alunos. O ideal é termos

um retalho de isopor, onde as informações podem ser substituídas constantemente, mas, na falta de um, você pode utilizar folhas de cartolina, papel pardo, ou até mesmo folhas de jornal. Junte-as, cole-as e você já estará com o suporte pronto.



DICAS PARA SUA SALA DE AULA

Cuidados na organização de um jornal-mural:

A turma pode escolher o nome do jornal, o local em que será exposto e quantas e quais seções o jornal terá. Vamos sugerir algumas seções a título de exemplo:

- agenda: calendário de passeios e atividades diversas da turma
- aniversários: registro das datas de aniversário dos alunos da turma
- informações: lembretes ou textos contando fatos importantes vividos pela turma
- curiosidades ou diversões: piadas, adivinhas, palavras cruzadas...
- histórias da turma: textos produzidos durante as aulas
- livros recomendados: os melhores livros lidos durante o mês, por exemplo, podem ser sugeridos aos colegas

- recados: os alunos podem selecionar os melhores recados entre toda a escola – isso ajuda a divulgar e despertar mais interesse das outras classes para a leitura do jornal. O mesmo pode ocorrer com uma seção de “classificados”, por exemplo.

⇒ Uma dica importante: escolha os nomes das seções com seus alunos; eles são muito criativos e podem, inclusive, assumir a responsabilidade de “alimentar” o mural. Nesse sentido, responsabilize grupos que, quinzenalmente ou mensalmente, façam a substituição dos textos. Os alunos gostam muito de organizar materiais diferenciados!. É também importante lembrar que o jornal é uma oportunidade de trabalhar diferentes gêneros e linguagens com os alunos, pois cada uma das seções pedirá um uso específico da língua, seja na divulgação de um evento, na indicação de um livro, em uma notícia sobre política no país ou numa notícia sobre um professor da escola com quem todos têm intimidade, seja em um recado para as amigas ou o namorado, numa crônica narrativa escrita por algum aluno, entre diversas outras possibilidades.

Há possibilidade também de organizar um jornal-mural temático. Nesse caso, ele pode ser organizado para demonstrar determinado trabalho e/ou projeto desenvolvido em sala. Aqui também é importante organizar seções para que as informações estejam agrupadas, facilitando a leitura pelo público-alvo. Por exemplo, digamos que a turma tenha realizado um passeio a uma estação de tratamento de água ou a um museu. Ao organizar o jornal-mural, podem ser criadas as seguintes seções: **o passeio**, registrando dados e expondo fotos dos principais locais visitados; **as descobertas**, textos e fotos expondo o que mais chamou a atenção; **e agora?**, registrando as principais atitudes que a turma pretende tomar em relação ao que foi visto e discutido etc.

Alguns cuidados referentes à organização de qualquer material não podem ser esquecidos:

- Títulos em letra legível e visível;
- Espaços entre as seções, de forma que as informações possam ser percebidas como autônomas (evitando o que acontece no mural a seguir!)



- Correção do material exposto - erros de ortografia não são interessantes em títulos e textos que serão lidos por outras pessoas;
- Imagens – muitas! - relacionadas aos assuntos veiculados sempre são um chamariz para atrair leitores.
- Textos – de curta extensão e com letras em tamanho generoso.

